

EM ALGUMA PARTE FICA O NÃO DITO?

¿En alguna parte queda lo no dicho?

Has anything been left unsaid?

Eleonora ZILLER CAMENIETZKI

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este trabalho pretende atualizar um estudo anterior que realizei sobre a trajetória de Ferreira Gullar¹, tendo como objeto de análise as suas últimas publicações (*Em alguma parte alguma* e a *Autobiografia poética e outros textos*) e o debate público que travou com Augusto de Campos em 2016, alguns meses antes de seu falecimento. Testemunho raro em nossa tradição literária, num incessante esforço por traduzir-se, o poeta nos oferece uma trajetória de intensas buscas e mudanças radicais. Desde *Cultura posta em questão*, de 1965, até o lançamento de *Autobiografia poética*, em 2015, são 50 anos de intensa reflexão sobre o seu próprio trabalho de criação. À luz dessa vocação, faremos um balanço crítico desse esforço de invenção e explicitação que Ferreira Gullar faz de sua poesia.

Palavras-chave: Ferreira Gullar; Poesia e política; Autobiografia poética; Augusto de Campos.

RESUMEN: Este trabajo actualiza nuestro estudio anterior sobre la trayectoria de Ferreira Gullar, considerando como objetos de investigación sus últimas publicaciones (*Em alguma parte alguma* y *Autobiografia poética e outros textos*) y el debate público con Augusto de Campos en 2016 algunos meses antes de su muerte. En un testimonio raro en nuestra tradición literaria, en

¹ Eleonora Ziller Camenietzki, *Poesia e política: a trajetória de Ferreira Gullar*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

un incesante esfuerzo por traducirse, el poeta nos ofrece una trayectoria de intensas búsquedas y cambios radicales. Desde su libro *Cultura posta em questão*, de 1965, hasta el lanzamiento de *Autobiografia poética* en 2015, han pasado 50 años de intensa reflexión sobre su propio trabajo de creación. A la luz de esta vocación, haremos un balance crítico de este esfuerzo de invención y explicación que Ferreira Gullar hace de su poesía.

Palabras clave: Ferreira Gullar; Poesía y política; Autobiografía poética; Augusto de Campos.

ABSTRACT: This work aims to update another study, which I carried on about Ferreira Gullar's trajectory. This last one aimed to investigate the author's last publications (*Em alguma parte alguma* and the *Autobiografia poética* and other texts) and the public debate he had with Augusto Campos in 2016, few months before passing away. As rare witness of our literary tradition, in a ceaseless effort to translate himself, the poet offers us a trajectory of intense search and radical changes. Since his work *Cultura posta em questão*, published in 1965 until the release of *autobiografia poética*, in 2015, it has been 50 years of intense reflection about his own work of creation. In the light of this vocation, we will make a critical analysis of this effort of invention and clarification in which Ferreira Gullar does in his poetry.

Key words: Ferreira Gullar; Poetry and politics; Autobiography poetry; Augusto Campos.

«Pensa que resta alguma coisa de mim
por aqui
Não te custará nada imaginar
que estou sorrindo ainda naquela nesga
azul celeste
pouco antes de dissipar-me para sempre»
Ferreira Gullar

Em dezembro de 2016, perdemos Ferreira Gullar. Comecei a preparar esse texto para a apresentação que fiz para as jornadas internacionais *Ferreira Gullar: poesia, arte y pensamiento*, em homenagem ao poeta, organizado em outubro do mesmo ano pelo Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca e a Academia Brasileira de Letras (ABL). Não poderíamos imaginar que em poucos meses já não contaríamos com a sua presença. Naquele momento, apesar de estar há muitos anos sem me debruçar sobre a poesia de Ferreira Gullar, usei retornar a ele para debater um tema que havia se desenhado ao longo dos últimos anos. A questão inicial que me movia era discutir

sua vocação ensaística e a sua contribuição como intérprete da própria obra. Seus textos sempre incorporaram um desejo de intervenção, de quem sempre toma partido. Nem eruditos, nem obscuros, ao contrário, em linguagem aberta e clara, se dirigiam sempre a um grande público. Em essência, Gullar era um publicista no sentido mais literal do termo, seja como crítico de arte, articulista ou quando analisava sua própria obra.

Entretanto, com o passar dos anos, assistindo diversas vezes suas palestras e, principalmente tomando contato com novos trabalhos sobre sua obra, fui observando a prevalência total de suas reflexões entre os críticos, em especial entre os jovens estudiosos, formando assim uma espécie de campo de força inescapável para a leitura de seus poemas. Por isso, o título da minha apresentação (uma brincadeira em relação aos títulos de seus poemas) indaga se sobraria alguma coisa para ser dito sobre ele. Evidentemente que a resposta é sim, existe muito a ser dito, pois, suas explicações não serão suficientes para esgotá-lo. Mas, se sua obra foi recoberta pelo seu próprio discurso, devemos indagar então quem é essa *persona poética* criada por Gullar.

Entre o encontro em Salamanca e a preparação desse texto, há a morte do poeta. Além da tristeza com a perda pessoal, passamos a redimensionar o conjunto e colocamos um ponto final em suas obras (pelo menos até que surjam originais ou cartas desconhecidas que iluminem alguma nova faceta). Há, agora, uma obra completa, com princípio, meio e fim para que possamos analisar, assim como essa *persona* que explica e analisa sua obra, que também está concluída. A primeira versão desse estudo foi publicada num dossiê em homenagem a ele na *Revista Texto Poético*² com o título «Ferreira Gullar e seu último combate», onde destaco o embate público entre Ferreira Gullar e Augusto de Campos.

Aos poucos, cada vez mais afastados das polêmicas que inundaram sua vida, outros críticos farão um balanço menos comprometido com suas paixões e desavenças. Mas, a pergunta que persiste é: quanto isso nos ajudará a compreendê-lo? Ou, ao contrário, sua obra perderá parte da intensidade e vivacidade que a impulsiona? Perdemos a voz de locutor, a figura jovial e envolvente, a força da sua presença que encantou sempre qualquer plateia. Órfã de seu autor, o que será de sua poesia? A resposta virá no correr do tempo.

² *Revista Texto Poético*, v 13, n 23, julho-dezembro, 2017, Dossiê Ferreira Gullar, pp. 430-447.

Estamos ainda encharcados pelas polêmicas que o cercaram e delimitados pelos eventos históricos que as motivaram.

Contrastando com a prolixidade com que Ferreira Gullar se referia à sua obra, ele pouco falava de seu primeiro livro, *Um pouco acima do chão*, de 1949, editado com a ajuda de sua mãe. É verdade que lá mal se pode ver o poeta que virá e poucos o leram. Mas é nele que o rapaz de dezenove anos, na longínqua e periférica São Luís do Maranhão, anuncia seu grande sonho. Não se contenta em ter apenas uma produção local, que será distribuída na sua cidade. Ele faz questão de enviar um exemplar para a Biblioteca Nacional acompanhada de uma dedicatória, onde escreveu, em 26 de junho de 1949: «Para a Biblioteca Nacional, este exemplar de minha estreia».

Como quem jamais esqueceu o primeiro passo, o seu último pedido foi o de ser velado na Biblioteca Nacional, antes de seguir para as últimas homenagens na ABL. É dessa imagem que parto para pensar em sua obstinada trajetória, que apesar de ser recheada de rupturas espetaculares, possui uma incrível coerência e integridade. Fiel aos seus sonhos, o poeta caminhou firme em direção a eles. O lugar onde buscaria permanecer e, assim, escapar da inevitável finitude e deterioração do corpo, não poderia ser outro. A Biblioteca como a grande e última morada para sua voz e o desejo que seu corpo lá estivesse pela última vez, o campo santo de um poeta ateu.

Por que a Biblioteca teria um significado tão poderoso para ele? Além de toda a carga simbólica que uma biblioteca pode carregar para quem vive de escrever, está ali, de forma material e objetiva, a sua casa, seu alimento e sua história. Ferreira Gullar, garoto maranhense, sem curso universitário, sem familiares ilustres, arrancou da vida cada centímetro de sua caminhada. Onde se formara? Na rua, com amigos, construindo suas relações a partir do que ia escrevendo, convencendo uns e outros de seu talento. Não foi pouco. Nas bibliotecas encontrou um mundo à sua disposição, que com voracidade tentou decifrar e recriar. O seu gesto final dá sentido a muitos outros ao longo de sua vida. As suas posições políticas nas duas últimas décadas turvaram um pouco a visão do conjunto, especialmente para aqueles que, a cada dia que passava, mais se distanciavam de seus posicionamentos. Mesmo tendo se tornado descrente dos projetos de uma sociedade socialista, abandonando proposições tradicionais da esquerda, não abandonou uma forma de estar no mundo e de acreditar radicalmente no que é humano, irreligiosamente humano. Seja como ensaísta ou poeta, sempre teve uma escrita para o público. Não me refiro apenas a um vasto e anônimo público leitor, mas uso o termo em um sentido

amplo, da *res publica*. A biblioteca era a porta aberta que jamais lhe cobrara qualquer coisa pelo que lhe entregava. Estavam ali apenas os livros, em estado puro, paralisados nas estantes, à espera de um olhar curioso, ou dispersivo, ou aflito. Não importa, a biblioteca existe para guardar livros e assim colocá-los em estado de espera até que alguém os desperte. Ela é também refúgio para aqueles que não possuem espaço e silêncio em suas casas possam se debruçar com avidez, sono ou alegria sobre eles. Também não importa o quanto se cochila na mesa de uma biblioteca, ela não julga, não avalia, não discrimina. Esse foi seu lugar privilegiado de formação, primeiro a Biblioteca Pública do Maranhão, depois a Nacional, no Rio de Janeiro, e o abrigo nos anos de exílio na Biblioteca Pública de Lima, no Peru.

E foi nessa condição que enfrentou largas batalhas. Se pensarmos em alguns dos grandes poetas da época, temos os diplomatas Vinícius de Moraes e João Cabral de Mello Neto. E seu colega de acirradas disputas, Haroldo de Campos, professor da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo, foi orientado no doutorado por nada menos do que Antonio Candido. Nas suas muitas entrevistas, Ferreira Gullar reafirmou sempre seu lugar «fora do sistema», de quem buscou e construiu sua própria trajetória intelectual, longe das instituições e de suas regras, «sem parentes importantes e vindo do interior», para lembrar um outro nordestino. Nessa caminhada, com certeza descobriu muita coisa sozinho, teve *insights* extraordinários e percebeu cedo que para disputar um lugar ao sol na vida literária de nossa pátria desigual, precisaria estar disposto a enfrentar o establishment. Enfrentou-o e, finalmente, passou a fazer parte dele.

No livro *Autobiografia poética e outros textos* (2015) ainda que de forma bastante resumida, essa trajetória e seus embates estão quase todos lá. A caminhada começa com sua vocação provinciana e parnasiana, segue por décadas, até chegar em *Alguma parte alguma*, seu último livro de poesia, lançado em 2010. Também está presente um modo prevalente de contar sua história. Os pontos de inflexão da sua carreira começam sempre por livros que quase aleatoriamente lhe caem nas mãos. Uma estante, um sebo, um conhecido de quem mal se lembra o nome, encontros fortuitos que o levaram a rever e a refazer suas convicções. Por exemplo, o livro *As elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke, traduzidas para o espanhol, que afirma ter sido fundamental para suas reflexões sobre a poesia, lhe foi dado por «um intelectual maranhense que morava no Rio». De todas, a sua história mais curiosa é aquela em que ele explica como se tornara marxista. Ele havia sido convidado para presidir a Fundação Cultural de Brasília, na cidade recém-inaugurada. Então, em meio a terra seca e pó vermelho...

Ali me caiu nas mãos um livro intitulado *La pensée de Karl Marx*, de autoria de um padre católico francês chamado Jean-Yves Calvet. Li-o e me tornei marxista, o que viria a mudar radicalmente a minha vida. (Gullar, 2015: 57)

Nas suas palestras, Gullar gostava de ressaltar que esse livro era de um padre anticomunista, o que dava graça à história. Um livro escrito por um anticomunista o havia convencido do contrário. É claro que a experiência em Brasília significou muito mais na profunda transformação que sofreu a poesia de Gullar. Foi lá que «descobriu» o Brasil, vivendo nas entranhas das grandes contradições do desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek que Brasília encarnava. Mas ele escolheu sempre afirmar que descobriu o marxismo sozinho, através de um livro anticomunista. Isso depois de uns dez anos de convivência muito próxima a Mario Pedrosa e mais umas dezenas de intelectuais e artistas da pulsante esquerda carioca dos anos 50.

No fundo, essas narrativas são também uma fabulação do fazer poético criado pelo próprio autor. E essa *persona poética* chamada Ferreira Gullar merece também estudo mais aprofundado. Como ele mesmo escreveu, em *Alguma parte alguma*, no poema «O duplo»:

Foi-se formando
a meu lado
 um outro Gullar
que é mais Gullar do que eu
que se apossou do que vi
 do que fiz
 do que era meu
e pelo país
 flutua
 livre da morte
 e do morto
pelas ruas da cidade
 vejo-o passar
 com meu rosto
mas sem o peso
 do corpo
que sou eu
culpado e pouco. (2010: 38)

Partamos do poema para perguntar: quem é esse personagem mais Gullar que o próprio Gullar? Quais foram suas estratégias de legitimação? Ele se apossou do que Gullar fez e viveu, ou, ao contrário, o poeta lutou para garantir que esse duplo não se afastasse daquilo que ele gostaria de ser? O convite que faço é para pensarmos como se articulam, ao longo do tempo, esse discurso sobre o seu fazer poético e o seu fazer poético, propriamente ditos

porque também esse Gullar que buscava manter seu duplo perto de si não foi sempre o mesmo, idêntico a si próprio. Vários «Gullares» conviveram com ele! Ao longo das décadas, nas suas inúmeras entrevistas, crônicas, e textos autobiográficos, ele demarcou experiências distintas, pesou fatos e escolhas de forma diferente. É possível identificar as alterações, perceber as mudanças e ver o quanto cada época interferiu no modo como ele contava sua vida. Entretanto, algumas características são marcantes e fazem parte de toda a sua trajetória e parecem ser para ele uma necessidade vital: era preciso sempre destacar que fora o primeiro a perceber determinados assuntos e assim demarcar a sua contribuição pessoal para fatos importantes da vida literária brasileira; quase sempre irá refutar influências diretas, pois elas surgirão de modo aleatório ou inesperado e, por último, mas não menos importante, explicar o surgimento de seus poemas.

De todos os temas que atravessaram a sua produção, a ruptura com o movimento concreto foi o assunto que sempre esteve presente, tendo marcado inclusive os últimos lances de sua carreira, num acirrado debate com Augusto de Campos, que protagonizou, ao longo de décadas, reações bastante enfáticas contra Gullar. O que irá gerar a disputa pública é o fato de Gullar se apresentar como uma espécie de precursor do movimento e como alguém que alertara e orientara os líderes paulistas do movimento concretista sobre os equívocos de suas propostas. E parece mesmo que havia em Gullar um certo prazer em provocá-lo, com especial atenção a Oswald de Andrade, autor muito caro aos concretistas.

Os últimos lances, de uma batalha que atravessou seis décadas, começaram em 2011, quando justamente Oswald de Andrade foi o autor homenageado pela FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e Gullar escreve a crônica «Redescoberta de Oswald de Andrade» na *Folha de S. Paulo*, em 17 de julho de 2011, para saudar o evento. O andamento do texto é bem o seu estilo de contar histórias. Primeiro, ao acaso, ele encontra um livro:

Creio que foi em 1953 que eu, ao entrar na livraria da editora José Olympio, então na rua do Ouvidor, deparei-me, sobre um balcão, com vários exemplares do livro *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, a preço de liquidação.

Depois, a surpresa por sua descoberta: «Essa releitura foi para mim uma revelação. Oswald ainda estava vivo, mas quase ninguém tomava conhecimento de sua literatura». O próximo passo, um amigo (no caso foi Mario Pedrosa) confirma sua descoberta e o estimula a seguir o caminho. E graças a ele (Gullar) tudo começa a mudar. Primeiro convence Oliveira Bastos: «Falei do

livro com Oliveira Bastos, então jovem crítico literário, que também decidiu voltar-se para Oswald de Andrade. E se tornou seu amigo».

A seguir, Gullar descreve o desprezo dos concretistas por Oswald, e afirma que mudaram de ideia graças a ele. E, assim, conta como foi a conversa entre os dois no famoso encontro na Spaghettilândia, em 1955:

Falou-me (Augusto de Campos) do propósito do grupo deles de renovar a poesia brasileira e foi por essa razão que me procuraram, já que meu livro rompia com «a poesia sentada», na expressão deles. E então citou os poetas brasileiros que, no seu entender, representavam um caminho para a renovação: Mário, Drummond, Cabral. Oswald de Andrade estava fora.

Estranhei e ele então respondeu que não se podia levá-lo a sério, por considerá-lo um irresponsável. Respondi que, irresponsável ou não, sua poesia era inovadora, sua linguagem tinha um gosto de folha verde. Ele ficou de relê-lo e da releitura que fizeram resultou a redescoberta de Oswald de Andrade. Por tudo isso, fiquei feliz ao vê-lo homenageado agora pela Flip 2011.

No calor da batalha, a virulência de Augusto de Campos sempre soa desmedida. É no mínimo curioso que um poeta já consagrado, premiadíssimo, com uma ampla e sólida carreira literária, com grande reconhecimento internacional esteja assim tão severamente preocupado com uma crônica de Ferreira Gullar sobre quem redescobriu Oswald primeiro! Sua resposta veio em pouco dias, foi publicada também pela *Folha* em 30 de julho de 2011, recheada de provocações, neologismos e adjetivações corrosivas, a começar com o título «Sobre a gula». Destaco apenas o último parágrafo pelo que ele tem de profético em relação à ABL, para onde realmente Ferreira Gullar será eleito três anos mais tarde.

O encontro em Spaghettilândia jamais ocorreu. No Rio eu só como espagete recomendado por amigos.

[...]

Por que não sai da casquinha e entra na ABL onde o espera o confrade Sarney? Afinal, inventou a neomemória e o neocademismo...

Gullar retruca no dia 7 de agosto de 2011, em sua coluna da *FSP* com a crônica «Mentira tem pernas curtas» cita documentos e fontes que comprovariam o encontro e faz novas provocações. Fica difícil identificar qual dos dois anciãos teve o comportamento mais juvenil, e a disputa estava longe de acabar. Esse assunto retorna no livro *Autobiografia poética*, em 2015, de forma ainda mais incisiva. Ele retoma a história de como redescobriu Oswald e, claro, critica ainda mais explicitamente o fato de os irmãos Campos não terem percebido a força da poesia pau-brasil:

Correspondiam-se com Erza Pound, nos Estados Unidos, mas ignoravam o grande poeta brasileiro que vivia na mesma cidade que eles. Mais tarde, o transformariam em cavalo de batalha e montariam nele. O Oswald de antes de 1929, bem entendido, porque o de depois, que rompeu com a fase modernista e tornou-se marxista militante, esse eles preferiram ignorar. (2015: 39)

Não satisfeito em retomar a polêmica, Gullar volta a carga reafirmando o papel que tivera na «correção de rumo» da poesia concreta: «Augusto, em carta de maio de 1955, rebate todas as críticas que eu fizera aos seus poemas, mas a verdade é que, a partir de então, não voltou a fazer poemas semelhantes àqueles que eu criticara» (2015: 40).

Apesar da provocação ser grande, o livro não desperta nenhuma tensão especial até que Gullar, sabe-se lá o porquê, publica mais uma vez uma crônica na *Folha de S. Paulo* sobre sua relação com Oswald de Andrade, em 12 de junho de 2016, «Encontro com Oswald». Foi dada a largada para o mais ruidoso episódio dessa batalha, que com certeza só foi o último porque, poucos meses depois, Ferreira Gullar faleceu. Na crônica não há nada de novo. Embora resumida, o pivô da contenda permanece: é a frase com que Gullar conclui seu relato sobre a mítica conversa com Augusto de Campos na Spaghettilândia.

E o resultado dessa conversa foi que ele certamente foi reler Oswald e sem dúvida percebeu suas qualidades de escritor, reviu sua opinião sobre ele e, juntamente com Haroldo e Décio, contribuiu para a redescoberta e valorização de sua obra.

Dessa vez, a reação veio ainda mais rápido, e em 15 de junho Augusto de Campos publica sua réplica, «Um memorioso formigueiro mental» e como de hábito, foi bastante violenta. Ele não perderia a oportunidade de desmenti-lo publicamente. Nessa ocasião, reforça a artilharia e já na primeira frase diz que Gullar abriu «um parêntese nas suas senilidades politicoides» para voltar a falar de uma «suposta conversa» onde ele teria falado mal de Oswald de Andrade. Diz que já em 1949 o autor havia presenteado os irmãos Campos com um livro, que em 1950, ele, Haroldo, Décio e outros haviam publicado um texto no *Jornal de São Paulo* e etc. O argumento final, digno de um jovem de 15 anos, diz que «o surto (de Gullar) vem da repercussão da mostra de meus poemas». Tudo isso girando em torno de um possível encontro, de uma provável conversa ocorrida há mais de sessenta anos. O que estaria em disputa? O parágrafo final de Augusto responde:

Gullar diz que poesia é espanto. Espanto é o que sentimos ao ver o autor de «João Boa-Morte» coroar-se de fardão, chapéu de plumas, colar e espada, na ABL, onde

chucha o seu chazinho bem remunerado com Sarney, FHC, Marco Maciel e até um golpista da TV Globo, entre outros espantalhos imortais de nossa literatura...

Com o título «Não quero ter razão», Gullar contra-ataca no dia 26 de junho. O bordão completo, de sua autoria, é «não quero ter razão, quero é ser feliz». Aparentemente ele não compra a briga, mas continua provocando, em tom elegante, com um acento jocoso, bem ao seu estilo. Depois de reafirmar que tudo aconteceu como ele descreveu, e novamente recolocar seus motivos para o rompimento com os concretistas no final da década de 1950, diz que errou no caso de Waldemar Cordeiro. Mas que erro foi esse? Não ter visto que Waldemar Cordeiro passara a utilizar cores em seus trabalhos. E claro, não deixa de demarcar o campo lembrando que naquela época havia dito que não se poderia prescindir da cor. Para completar a provocação, Gullar se diz impossibilitado de comentar o último livro de Augusto, pois não pode entendê-lo, e arrematando com mais provocação: depois de tudo que disse sobre a Academia, ia ficar difícil ele ser indicado para o prêmio Machado de Assis: «O que é uma pena, não digo pela glória, mas pela grana. Não é nada, não é nada, são, concretamente, R\$ 300 mil».

A tréplica vem rápida, no dia 2 de julho, e a questão política reaparece agora com mais nitidez, pois Augusto ironiza a postura de quem «sem ter nada de novo a falar em literatura ou em arte, pôs-se a fazer virulenta campanha contra Dilma e seus defensores». E conclui mais uma vez com a controvérsia da ABL:

Jamais aceitaria qualquer prêmio, de que valor fosse, vindo dessa instituição, que considero inútil, caduca e até nociva, pelo mau exemplo que dá a cultura brasileira, acolhendo gente que nada tem a ver com a literatura – velhos políticos, governantes, empresários e jornalistas conservadores – uma confraria de mediocridades que se chamam despidoradamente de «imortais», envergando fardões, espadas, colares e medalhas. Com raríssimas exceções.

A *Folha de S. Paulo* ofereceu aos dois, para encerrar a briga, um espaço do mesmo tamanho onde cada um poderia fazer suas considerações finais. Gullar recusou, deixando Augusto sem resposta. Mas, sem descanso, volta à carga em sua coluna no mesmo jornal, em nota ao fim de sua crônica na semana seguinte, «O banal maravilhoso», no dia 10 de julho:

Nota: Soube que Augusto, o Furioso, publicou outro artigo me agredindo. Não o li nem o lerei, pois já dei por encerrado esse bate-boca. Quem o leu diz que o cara pirou de vez, expondo-se mesmo como defensor do petismo corrupto. Se de fato esse é o caso, aconselho-o a buscar urgentemente um psiquiatra.

E a resposta chega em algumas horas, publicada no dia seguinte, 11 de julho, no «Painel do leitor», no Primeiro Caderno da *Folha de S. Paulo*:

Quando teve o espaço para se defender, e não tendo argumentos contra a minha tréplica documental e veraz, furtou-se à sua. E vem agora me insultar em notúncula extemporânea, acusando-me de defender ‘o petismo corrupto’. Não. Mais corruptos são Cunha e o governo interino que Gullar ajudou a manter e instalar no poder com seus artigos reacionários e infelizes. Dilma não é corrupta. Corrupto é quem se vende para instituições culturais de fachada.

Esse violento embate nos jornais com polêmicas que se perpetuam ao longo de sessenta anos é um caso raro na poesia brasileira, aliás acho que único. Mas não pode ter sido só o legado de Oswald que esteve em jogo todos esses anos. O «território sagrado» a ser disputado diz respeito a um horizonte muito maior do que aquilo que literalmente enunciam. Tanto é assim que, na arquibancada, intelectuais e artistas assumem posições e organizam suas torcidas. Ambos encarnam forças políticas, disputas partidárias, rivalidades regionais e correntes de pensamento que se enfrentam na vida cultural brasileira. A primeira delas diz respeito ao confronto do início da década de 1980 entre PT/PCB (Partido Trabalhista/Partido Comunista Brasileiro), e a poesia de cordel escrita por Gullar nos anos do CPC da UNE (Unidad Nacional de Estudiantes) é invocada por Augusto de Campos para denunciar as contradições políticas de Gullar e sua «traição de classe», principalmente ao defender, na década seguinte, posições ligadas ao PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Depois, não menos importante, é o combate acerca da legitimidade da ABL como instituição de referência na cultura brasileira. Gullar não compra a briga, não se explica, nem se justifica. Ele demorou muito tempo até se decidir a aceitar a eleição para a ABL, mesmo sabendo de todas as contradições que esse gesto ensejava. Nada que nos surpreenda, avesso ao purismo, ele gostava de dizer que havia escrito um «poema sujo», porque a vida é feita de matéria impura, complexa e contraditória. Também não nos causa estranheza observar que esse embate reaparece com cores fortes num momento em que a política brasileira passou a viver uma severa divisão, com posições extremadas e confrontos de tal forma acirrados que dificilmente encontraremos paralelos em nossa história recente.

E foi assim que, nos seus últimos meses, Ferreira Gullar viveu como sempre esteve: no olho do furacão. Apesar de sua poesia ter se afastado de qualquer preocupação política, ele continuou se posicionando publicamente através de crônicas e em debates. Aliás, esse afastamento não deixa de ser uma proposição

política para sua poesia. Muitas pessoas atravessaram os anos de autoritarismo e repressão com os livros de poesia de Gullar na cabeceira de suas camas, mas não puderam acompanhá-lo em suas últimas escolhas. As redes sociais na internet foram inundadas de declarações de rompimento e acusações de traição. Exageros, juízos extremados, julgamentos instantâneos, acusações superficiais, xingamentos, tudo que conhecemos sobre o modo como se debate nesse ambiente espetacularizado foi mobilizado para um acerto de contas com quem um dia havia dito que «aos vinte anos, compreendera que a poesia não podia ter por finalidade embasbacar os tolos ou conduzir à Academia Brasileira» (2015: 84).

Dissipada por completa a experiência histórica que foi o chão de sua criação, perdidos os laços entre os leitores e a matéria vital a qual os poemas deram forma, ficará algo? Depois de décadas conhecido e reconhecido por seus poemas de luta e resistência à ditadura militar, seu legado convoca agora uma nova recepção. É curioso perceber que até o início dos anos 90, suas referências ao «Poema enterrado» fossem sempre num tom de brincadeira, como uma experiência restrita a uma fase já passada de experimentalismos de vanguarda. Mas, esses relatos foram crescendo em expressão, foram inclusive revividos, até ganharem um grande destaque em seu último balanço, que é a *Autobiografia*. É isso. Alguns textos adormecem nas prateleiras para ressurgirem décadas depois. Outros, vão se empoeirando para sempre. O que será das bibliotecas, das estantes, do livro, da poesia, de tudo isso que acreditamos ser literatura e crítica literária daqui a cinquenta anos? Qual Gullar sobreviverá? De minha parte, farei o possível para que o homem comum, «de carne e de memória, de osso e esquecimento», sobreviva.

Referências bibliográficas

- Gullar, Ferreira. 2010. *Em alguma parte alguma*. Rio de Janeiro: José Olympio.
— (2015). *Autobiografia poética e outros textos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
Artigos em jornais, disponíveis na internet, acessados entre os dias 9 e 16 de janeiro de 2017:
Campos, Augusto de. «Sobre a gula». Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2011/07/30/21//5717312>.
— «Um memorioso formigueiro mental». Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/06/1781738-um-memoriosos-formigueiro-mental.shtm>.

- «Um neocordeiro superconcreto e um expremio». Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1787739-um-necordeiro-superconcreto-e-um-expremio.shtml>.
- Gullar, Ferreira. «Encontro com Oswald». Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/06/1780387-encontro-com-oswald.shtml>.
- «Não quero ter razão». Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/06/1785376-nao-quiero-ter-razao.shtml>.
- «O banal maravilhoso». Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2016/07/1790175-o-banal-maravilhoso.shtml>.
- «Redescoberta de Oswald de Andrade». Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2011/07/17/21//5715705>.
- «Mentira tem pernas curtas». Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2011/08/07/21//5718304>.

